

# DESCOLONIZAÇÃO MENTAL É O NOSSO PROBLEMA ACTUAL

«... embora Moçambique seja livre, há ainda moçambicanos por libertar. Descolonização mental é o nosso problema actual. Libertar do passado colonial que continua a dominá-los, que os inibe de serem cidadãos moçambicanos activos. O compromisso do passado impede o compromisso com o presente e com o futuro — impede o compromisso com a Pátria libertada, com a Nação moçambicana», disse o Presidente Samora Machel no início da reunião com os moçambicanos comprometidos durante o período colonial com o aparelho repressivo. O início do encontro, ao princípio da manhã de ontem foi marcado por um discurso do Chefe do Estado moçambicano, que aqui publicamos na íntegra.

Camaradas membros da Direcção do Partido,  
Senhores membros do Governo da R.P.M.,  
Camaradas militantes e compatriotas moçambicanos,

Estão aqui representantes da Direcção do Partido Frelimo e do nosso Estado; estão membros do Bureau Político e do Comité Central do Partido Frelimo; estão aqui membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular, Deputados, Ministros e outros responsáveis. Tanta concentração de estruturas para quê? Todas estas estruturas são o resultado da vitória do Povo Moçambicano. São o produto da vitória. São a razão da nossa luta tal como vocês também o são.

Vimos para nos encontrarmos convosco, moçambicanos que estiveram comprometidos com o colonialismo português; que estiveram comprometidos com o aparelho político, militar, administrativo, repressivo e ideológico do colonialismo; que estiveram comprometidos com organizações fantoches que o colonialismo agonizante tentou instituir.

Vocês, os que estão presentes nesta reunião, são apenas os que residem na nossa bela capital, Maputo. Mas através de vocês estamos a falar para todos os moçambicanos que, como vocês, estão comprometidos.

São antigos agentes da PIDE, ANP, tropas, Madrinhas de guerra, OPV, Comandos, GE, GEP, Flechas, Administradores, Régulos, Sipaiv, agentes da Psico-Social, membros de partidos fantoches.

Trata-se daquele moçambicanos cujas fotografias mandámos afixar quando, em 11 de Novembro de 1978, procedemos ao encerramento da Campanha Nacional de Estruturação do Partido.

Muitos se perguntaram a razão desta medida. Uns não compreenderam o seu objectivo. Outros diziam que o passado era passado, que não havia necessidade de o lembrar.

Mas só revendo o passado, conheceremos o presente. Só conhecendo o presente teremos a perspectiva do futuro. São três elementos fundamentais de uma sociedade: o passado, o presente e o futuro. São páginas da história, contra a qual não podemos ir.

Dissemos então que esta medida se destinava a permitir que o Povo exercesse uma vigilância rigorosa e eficaz sobre vocês.

Dissemos que só conhecendo, controlando e acompanhando de perto a vossa vida, se poderiam criar condições para a vossa libertação do compromisso com o inimigo e reintegração na sociedade moçambicana.

Muitos de vocês procuraram desculpar-se dizendo «mas eu não operei», «mas eu não denunciei ninguém», «mas eu não preendi ninguém», «mas eu não torturei ninguém», «mas eu não matei ninguém».

Outros desculpa-ram-se dizendo que foram forçados. É verdade, sobretudo no exército. Mas depois assumiam o papel de opressor. Porquê? Queriam dar provas de fidelidade. Entravam como forçados, mas depois assumiam o papel de caçadores de terras.

Qualquer que tenha sido o grau ou a motivação do vosso envolvimento, vocês eram solidários com o sistema que lutava contra a nossa independência, que tinha como objectivo evitar que o Sol da Liberdade nascesse.

Vocês foram as peças do sistema que ocupava a nossa Pátria, que explorava as nossas riquezas, que humilhava, brutalizava, assassinava o nosso Povo. Vocês foram peças da máquina do colonialismo.

Vocês completavam-se para o correcto funcionamento dessa máquina. As vossas tarefas e acções eram complementares e concorriam para o mesmo objectivo: impedir a independência, negar Moçambique.

(Não vamos esquecer o tempo que passou...)

Vocês, os agentes da PIDE, torturavam os patriotas que os informadores tinham assinalado e que os Comandos tinham pren-

dido. Vocês, Comandos, actuavam apoiados por Madrinhas de guerra que se esforçavam por manter elevado o vosso moral para novas façanhas, para novos massacres.

Vocês, GE, GEP, com as informações colhidas dos Administradores, que eram por sua vez informados pelos PIDE's, ou por vocês, OPV, realizavam as operações de repressão, morte e destruição contra as populações que apoiavam a Luta Armada.

Vocês, ANP, com a Psico-Social, e em colaboração com as Madrinhas de guerra, faziam o trabalho de mobilização da retaguarda e davam o suporte ideológico necessário à acção dos Comandos, GE, GEP, PIDE, OPV, na repressão. Eram vocês que enalteciam e premiavam a «bravura» dos assassinos do nosso Povo.

Vocês, serventes, telefonistas, escriturários da PIDE, com o vosso trabalho contribuíram para a prisão, tortura e assassinato de patriotas. Foi com o vosso apoio indispensável que actuaram os inspectores, os chefes de Brigada, os informadores.

Não há ANP, não há polícia, não há tropa especial, não há administrativo, não há colaborador do colonialismo que se possa considerar dissociado dos crimes hediondos do colonialismo.

Não há soldado do exército colonial que se possa sentir alheio à repressão e à barbárie do regime.

O exército colonial era a força viva, a força operativa do inimigo que oprimia o nosso Povo e ocupava a nossa Pátria Moçambicana.

Ter pertencido ao exército colonial português, apesar do carácter compulsivo da incorporação, tem um significado. É importante que os milhares de moçambicanos que nele estiveram, como amanuenses, como quarteleiros, como faxinas, na logística, nos transportes ou nas comunicações, como atradores, artilheiros, sapadores e noutras funções, tomem consciência de que a sua acção estava orientada para um objectivo:

— combater a liberdade do Povo Moçambicano e a Independência da nossa Pátria.

Um carro anda porque tem motor, tem rodas, tem chassis. Num carro, as peças fazem parte de um todo para cujo funcionamento perfeito todas elas concorrem.

Só o normal funcionamento de cada peça do conjunto é que permite que o carro ande bem.

E vocês sempre tiveram consciência disso.

A derrota do colonialismo e o desmantelamento do sistema foram saudados com alegria por todos os moçambicanos. Não sei se vocês também saudaram? Compartilharam da alegria do Povo? Em liberdade proclamámos a nossa Independência. Com orgulho afirmamos nos moçambicanos. Hoje, em toda a parte do mundo temos orgulho de ser moçambicanos. Mas vocês não podiam partilhar de toda esta alegria. Vocês passaram a viver intranquilos.

Sentiam que, a todo o momento, alguém se poderia erguer e apontar: «este foi PIDE», «este foi ANP», «esta foi do Movimento Nacional Feminino», «este foi OPV».

Estavam sempre à espera disso: «Agora que o nosso poder caiu que será de nós?» Mas vocês são uma minoria. De 12 milhões de Moçambicanos quantos PIDE's, OPV's e todos os outros existiam? Não creio que chegassem a 200 mil... Os comprometidos eram uma minoria, se não, não teria sido possível a vitória.

A vossa intranquilidade resultava das vossas próprias acções, das vossas atitudes, dos vossos compromissos com o aparelho de repressão colonial. Essa a razão da intranquilidade. Acções, atitudes e compromissos contra o Povo. E que, portanto, o Povo conhece.

Mandámos colocar as vossas fotografias nas vitrinas. Exigimos as vossas biografias.

Fizemo-lo para denunciar o vosso compromisso.

Fizemo-lo para que cada cidadão vos pudesse identificar e conhecer.

Fizemo-lo para que o Povo pudesse exercer vigilância sobre vocês.

Foi um acto de justiça revolucionária.

Noutros países teriam sido arrastados para os tribunais, ou fuzilados. Sabem disso? Teriam sido fuzilados em público. Existem filhos órfãos e mães viúvas, cujos pais e maridos caíram nas mãos da PIDE, ou foram queimados pelos Comandos... Ainda há luto no nosso País. Contudo não vos fizemos isso. Colocámos apenas as vossas fotos. Os que foram para os centros de reeducação já estão a trabalhar e também libertos. Mas lembrem-se do que o Povo fez com o Xico-feio. Matou-o...

Vocês podiam dizer: Obrigado Poder Popular. Um poder cheio de humanismo, cheio de valores humanos.

Quando expusemos publicamente o vosso compromisso com organizações e forças repressivas do colonialismo, destruimos o segredo que vos ligava ao inimigo. Vocês constituíam um reservatório para a qualquer altura o inimigo ir fazer chantagem convosco.

Destruímos o segredo que o inimigo poderia utilizar a qualquer momento para vos reactivar como seus agentes.

O que se passou nestes três anos?

A nossa acção obrigou a demarcações. E era isso que pretendíamos.

Houve aqueles que se sentiram descobertos. O seu compromisso com o inimigo mantinha-se actual. Ao serem expostos à vigilância popular, viram impedida a sua actividade antipatriótica e foram juntar-se abertamente ao inimigo, para continuarem a lutar contra a nossa independência e liberdade. Primeiro juntaram-se ao tabaqueiro Ian Smith, depois ao chefe do «apartheid» Vorster, hoje ao senhor Botha. Foram sempre atrás dos seus antigos patrões. Não podem viver sem serem moleques. Não podem viver sem lamber botas, sem praticar o servilismo. Não têm dignidade, personalidade, valor...

Esta foi a primeira demarcação.

A outra é a daqueles que, quando viram as suas fotografias expostas, reflectiram seriamente sobre as suas acções antipatrióticas do passado. Isso significa renascer de novo. Não é a idade que conta. São os valores, a personalidade. Ser capaz de inserir-se na sociedade moçambicana e no mundo é rejuvenescer. Ser capaz de viver as mutações e transformações e ser agente activo dessas transformações e não simples espectador, é ser novo. A esses saudamos.

Esses compreenderam o seu erro e decidiram que, com o seu trabalho honesto e dedicado, com o seu engajamento nas tarefas da reconstrução nacional poderiam merecer também um lugar na nossa Pátria livre.

Esses demarcaram-se claramente do campo do inimigo e comprometeram-se com o futuro. Esses vivem o amanhã. E o amanhã para eles é certo.

Esses estão com o Povo Moçambicano.

Há ainda uma terceira posição: a daqueles que estão fisicamente connosco, mas o inimigo ainda está acampado nas suas cabeças. Planificam acções antipatrióticas, acções contra-revolucionárias. O inimigo fez da boca desses elementos papagaios difusores das ideias antipatrióticas, antipopulares.

A característica principal deste grupo é a recusa do nosso Poder, é a recusa do Poder Popular.

Esses são os saudosistas do tempo colonial, são os nostálgicos das pequeninas distinções e benefícios que recebiam pelo seu servilismo, das migalhas e restos que lhes davam.

Esses ainda não viram que a nossa independência é irreversível e que os seus patrões coloniais foram definitivamente atirados para o caixote do lixo da história. Jamais esta Pátria será ocupada e o Povo Moçambicano colonizado.

Esses estremeçam de esperança vã quando ouvem que os bandos armados atacaram uma aldeia comunal ou um machim-bombo, assim como brindavam de cada vez que o Smith nos atacava.

Onde foi Smith? Nasceu um Zimbabwe forte e aqui permanece uma trincheira firme da liberdade. Mesmo que não sejam revolucionários, tenham orgulho nisso. Caetanos, Kaulzas... pararam aonde? No caixote do lixo da história. Agora vocês, moçambicanos, são respeitados em todo o mundo, como heróis internacionalistas.

Eles juntam-se a outros ouvintes da Voz da Quizumba, aos propagadores dos boatos e das anedotas contra-revolucionárias e racistas, aos fomentadores do derrotismo.

Alguns estão aqui connosco. Elementos que não se demarcaram em relação ao passado. Elementos que não se comprometem com a consolidação da independência e a construção do futuro.

E, no entanto, quando libertámos Moçambique, eles também ganharam uma pátria. São hoje cidadãos de um país independente e soberano, respeitado na Comunidade Internacional.

Libertámos o nosso país para que fossem os moçambicanos a decidir e determinar sempre os seus destinos. Quem fez esta libertação, quem forjou a Liberdade, foram os próprios moçambicanos, aqueles que consentiram sacrifícios, incluindo o da própria vida.

No passado estivemos divididos.

Havia os que, organizados e dirigidos pela FRELIMO, combatiam contra o colonialismo, para pôr fim ao domínio estrangeiro no país — eram esses os herdeiros da tradição de resistência e os legítimos representantes do Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo.

Havia os que se tinham aliado ao colonialismo português e com ele lutavam de várias maneiras para perpetuar a dominação.

Havia também os que não se queriam comprometer e pretendiam manter-se à margem da luta.

Foi à volta dos que lutavam pela causa justa da liberdade e independência que o povo se uniu.

Foi por isso que vencemos e venceremos. O nosso Povo é uma muralha de ferro. Tudo se esmaga contra esta muralha de aço. Somos um Povo que constrói homens heróis.

Hoje somos donos do nosso país, senhores do nosso destino.

Moçambique livre e independente significa moçambicanos livres e independentes, significa soberania e cidadania moçambicana.

Apesar do facto de que no passado estivemos divididos, apesar de ter havido traidores, apesar de ter havido os que sempre estiveram ao lado do colonialismo, quando libertámos Moçambique ficámos todos moçambicanos.

Não dissemos que havia cidadãos de primeira classe e cidadãos de segunda classe ou de terceira classe. Dissemos — a cidadania é património e orgulho de todo o moçambicano.

Mas o que é ser cidadão, o que é ser cidadão moçambicano?

Ser cidadão significa gozar o direito de participar na vida do país e cumprir as obrigações que as leis definem para os cidadãos. Ser cidadão moçambicano significa, antes de mais, identificar-se com as aspirações do Povo Moçambicano, significa lutar pelo progresso, pela felicidade, pelo bem-estar. Significa, nesta fase, participar na reconstrução nacional e na luta contra o subdesenvolvimento. Significa, em última análise, defender a própria cidadania moçambicana.

Mas nem todos assumiram este princípio e é aqui que se situa o nosso problema.

Alguns, quando Moçambique ficou independente, sentiram-se órfãos de pai e mãe. São desenraizados do tempo e espaço. Vivem no ar, numa esperança vã que o patrão-papá regresse. A sua mentalidade tinha sido moldada em função da existência de uma metrópole...

Gozando de pequenos benefícios que os privilegiavam em relação ao povo em geral, chegavam a convencer-se de que eram parte integrante dessa sociedade, de que eram de facto cidadãos portugueses. Quer dizer que tinham assumido a personalidade de moleque que o colonialismo neles inculcava.

Começavam a imitar e a macaquear a burguesia colonial. Filhos de camponeses, de operários, de pequenos funcionários ou de outros modestos trabalhadores, esqueciam-se, negavam a sua origem. Ensinados a ter vergonha da sua origem, chegavam a dizer: «A minha mãe morreu, aquela com quem eu vivo lá em casa é empregada do meu pai.»

Quando proclamámos a Independência, foi como se lhes tivessem tirado o papá.

Estamos perante uma situação de tal ignorância e falta de consciência, que se confunde a luz com a escuridão. Para eles o Sol nunca nasce. Essa gente é capaz de comparar a vida agora com a vida antes, comparar a independência com a situação de dominação colonial. É capaz de comparar ser livre com ser colonizado. E, por causa dessa ignorância, chegam a concluir que é melhor ser colonizado. Nós dizemos: antes uma hora independente que 100 anos de escravatura; antes morrer com o peito cheio e cabeça erguida do que viver 100 anos ajoelhado.

Estes senhores não têm nenhum sentido do que é personalidade moçambicana, não se podem identificar plenamente com os cidadãos e, por isso, não participam activamente na reconstrução nacional, na defesa do país, na integridade territorial, na soberania, na Revolução. Não têm noção do que é soberania. As noções de Pátria, de patriotismo, permanecem nas suas cabeças ligadas à existência de uma metrópole. De facto, não vivem o conceito de Pátria Moçambicana, de amor à Pátria Moçambicana.

Quer dizer que, embora Moçambique seja livre, há ainda moçambicanos por libertar. Descolonização mental é o nosso problema actual. Libertar do passado colonial que continua a dominá-los, que os inibe de serem cidadãos moçambicanos activos. O compromisso do passado impede o compromisso com o presente e com o futuro — impede o compromisso com a Pátria libertada, com a Nação Moçambicana.

O objectivo da nossa reunião é resolver esta questão: como é que vocês se vão libertar desse passado a que continuam ligados. Como é que vocês vão ganhar o sentido e orgulho da cidadania moçambicana. Como é que vocês vão assumir a personalidade moçambicana, sem a qual não é possível a dignidade. Não é possível ser-se um homem digno e merecer-se o respeito e honra sem se ter personalidade. Como é que vocês se podem identificar completamente com a Pátria Moçambicana, com o Povo Moçambicano.

A prática da FRELIMO, desenvolvida desde o tempo da Luta Armada de Libertação Nacional, ensinou-nos que o método correcto é falarmos directa e frontalmente dos problemas, irmos às suas raízes, analisar as consequências. É preciso não termos medo dos problemas para sermos capazes de os dominar e encontrar as soluções correctas.

A vossa libertação deve ser total e completa. Temos tarefas gigantescas na Reconstrução Nacional, para vencer o subdesenvolvimento, enquanto vocês constituem ainda uma parte marginalizada do nosso Povo.

O vosso compromisso com o Povo e com a Pátria deve ser sincero, assumido e vivido no nervo de cada um.

A vossa integração na sociedade moçambicana deve ser plena. E estamos a falar para todos e não apenas para vocês. Ela deve significar cumprir os deveres e exercer os direitos de cidadãos do vosso País.

Agora queremos ouvir-vos.

Queremos que sejam vocês a dizer qual foi o vosso papel, qual foi a vossa tarefa ao serviço do colonialismo.

Queremos conhecer o grau da vossa consciência em relação a esse passado, o que vocês pensam hoje dos compromissos que aceitaram.

Atribuímos grande importância a este trabalho. Isto é fundamental e depende da vossa participação. Para que ela alcance os objectivos definidos, nós exigimos e temos o direito de esperar, de cada um de vós, seriedade, franqueza, objectividade, sentido de responsabilidade.

Fazemos um apelo para que todos assumam o valor, desta exigência e a importância deste encontro.

Obrigado.

11/5/82

---